

Validação do Zulliger no contexto da análise transacional*

Alberto Luis da Rocha Tavares**

Guenia Bunchaf ***

Vanda leite Pinto Vasconcellos****

1. Introdução

Este trabalho se propõe a realizar uma validação, no contexto da Análise Transacional, do teste projetivo de Zulliger, ou Z-teste. Ao considerarmos a sua divulgação na "Revista Brasileira de Análise Transacional", e tendo em vista que o nosso leitor nem sempre será alguém com formação específica na área de Psicologia, achamos que seria interessante, antes de mais nada, esclarecer algumas noções.

O que é validar um teste? É verificar se ele é válido, ou seja, se serve para avaliar aquilo que se propõe a avaliar, para isso, são necessários metodologia e procedimentos científicos: não basta se dizer, por exemplo, que o resultado de um teste de personalidade, segundo o qual Maria tem uma personalidade com tais e tais características, foi considerado por Maria "certo", ou seja, como descrevendo bem sua pessoa. Esse fenômeno, conhecido como "Efeito Barnum" (referência ao ilusionista americano P.P. Barnum, ocorre com frequência em relação a adivinhos de diversos tipos e seus "clientes": ante uma série de afirmações vagas, que se aplicam a circunstâncias diversas e são atribuíveis a dezenas de pessoas ("Você tem tido problemas", "Haverá mudanças em sua vida"; "Teve recentemente, uma grande contrariedade" etc) os clientes, muito admirados, se vêem "fielmente retratados".

Validar, então, é obter uma resposta positiva para a pergunta: este teste serve mesmo para medir ou avaliar aquilo que ele diz medir ou avaliar? Voltemos, agora, à nossa proposta; validar o teste de Zulliger, um teste projetivo. E o que são testes projetivos? São aqueles em que o indivíduo é convidado a "projetar" sua personalidade, dando resposta pessoais. Neles não há respostas "certas" ou "erradas", como um teste objetivo. Por exemplo, num teste de avaliação da capacidade de raciocínio abstrato, como é o Teste de Séries Numéricas da Bateria Cepa, num item como o seguinte, em que se pede para completar a seqüência:

2 - 4 - 6 - 8 - -

a única resposta certa será "10", e "12"

O teste de Zulliger foi desenvolvido por Hans Zulliger, com base no teste de Rorschach, um dos mais conhecidos testes projetivos, e consiste em exibir três lâminas padronizadas, com manchas (são dez lâminas, no Rorschach) ao cliente. Pede-se que descreva o que ali vê, supondo-se que assim a pessoa "se projeta", ou seja, projeta conteúdos de sua psique. Indaga-se, depois (Inquérito), as razões que levaram a pessoa a ver tais e tais imagens, em tais e tais áreas da mancha. Os resultados são levantados conforme metodologia para o teste de Rorschach, de que o Z-teste representa uma espécie de abreviação.

Ora, uma das críticas mais importantes feitas a todos os testes projetivos refere-se aos

dados relativamente frágeis quanto à sua validação. Boa parte dos estudos de validação emprega um critério - geralmente um outro instrumento - para avaliar a personalidade, comparando ambos os resultados. A esse respeito, surgem muitos questionamentos, que, por seu caráter eminentemente teórico, não abordaremos aqui. Basta lembrarmos que não se resolve o problema declarando que o teste projetivo é qualquer outra coisa, uma "amostra de comportamento" ou uma técnica clínica" (Buros", McArthur, Rabin e Reznikoff, 1972). Tal posição cria "um círculo fechado de crentes, que reafirmam uns aos outros sua devoção" (.:) e justifica o ceticismo dos pesquisadores" (Buros", Weiner, 1977).

Por isso, achamos melhor seguir Klopfer e seus colaboradores (1956) quando dizem que a pesquisa de validação não pode ser completamente separada da pesquisa básica, cujo objeto de estudo é a personalidade. Assim, a validação dos testes projetivos pode ser encarada como um processo contínuo de mudanças e reformulações da própria teoria, que se refletem, por sua vez, na técnica.

A partir dessas considerações sobre a importância e as dificuldades de se proceder à validação dos testes projetivos, verificamos que as questões mais relevantes a serem formuladas quando ao Z-teste são as seguintes: pode o Z-teste ser interpretado utilizando-se como linha teórica a Análise Transacional? Os resultados dos protocolos (um protocolo é o conjunto de respostas fornecidas por um sujeito a um teste) interpretados por meio desse enfoque serão válidos? Quais os construtos e hipóteses que evidenciam um bom índice de validade? Quais os que precisam ser reformulados ou mesmo não podem ser avaliados pelo Z-teste?

Sim, pois há ainda um outro aspecto relevante a ser discutido: trata-se de uma linha teórica em que se "traduzem" os resultados de um teste, no caso, do Z-teste e do Rorschach. Formulado de outra maneira: os conceitos com que esses testes lidam são de que teoria? A primeira resposta nos remete à Psicanálise, proposta desses autores. Mas um exame mais detalhado indica que há noções que nem pertencem à Psicanálise nem foram bem definidas pelos autores dos dois testes e nem quanto sabemos por outros pesquisadores.

Procedendo a uma revisão do material relativo à validação do Z-teste, constatamos, de início, que o próprio autor do teste, diante da analogia do instrumento com o Rorschach, não sentiu necessidade de verificação das hipóteses interpretativas básicas; Zulliger limitou-se a comparar os resultados da aplicação coletiva com os do Rorschach, além de compará-los com os de outras provas também aplicadas coletivamente. Com base nesses dados, concluiu que os resultados dos testes concordavam, de modo geral, ou seja, que o Zulliger seria válido.

Salomon (1957) comparou, por sua vez, o Z-teste, em sua forma individual, com os resultados obtidos por um grupo de crianças, no Rorschach e no Bero (uma forma paralela do Rorschach), encontrando evidências favoráveis a validade do Z-test. Steiner (trata-se do autor alemão W. Steiner, não do especialista em AT Claude Steiner) apresentou, em 1966, conclusões opostas, ao relacionar o Z-teste a outros três testes (Koch, MMPI e Maudsley Medical Questionnaire).

Ante a escassez de estudos de validação do Z-teste, especialmente em nosso meio, em que não tivemos acesso a qualquer trabalho a respeito do tema, destaca-se a importância de realizá-los e, nos pareceu que seria conveniente adotar uma linha de interpretação

completa, coerente e à qual, por sua vez, o uso de teste poderá prestar serviços, aperfeiçoando-a. Finalmente, queremos lembrar que a aplicação e a interpretação de testes psicológicos projetivos são privilégios dos psicólogos profissionais, sendo tais práticas vedadas aos demais. Nada, porém, impede e tudo indica, certamente que se recorra ao concurso de um psicólogo, sempre e quando a aplicação de testes projetivos se achar indicada.

2. Material e Métodos

2.1 - A Amostra

Abrangeu, inicialmente, 48 pacientes submetidos à psicoterapia dentro da abordagem da Análise Transacional, que se reuniram uma vez por mês, durante um ano e quatro meses, para a realização de um trabalho psicológico mais intensivo. Este consistiu em vivências orientadas por terapeuta e um número de terapeutas auxiliares que variou entre dois e seis. Todas as vivências incluíram "feedbacks" individuais ou coletivos, principalmente por parte do terapeuta. Devido à mortalidade experimental (perda de sujeitos), decorrente em grande parte do fato de alguns pacientes não terem feito todos os testes ou terem respondido a eles de forma precária, inviabilizando a avaliação de seus protocolos, a amostra ficou reduzida a 33 sujeitos, para os quais se procedeu à validação do Zulliger.

2.2 - Procedimento para a Aplicação do Z-teste

O Z-teste foi aplicado coletivamente, mediante a projeção dos três dispositivos das pranchas em uma tela branca, utilizando-se as instruções padronizadas por Canivet e Zulliger. No inquérito, foram feitas as três perguntas-chaves: "Onde foi vista a figura"? "Por que você a viu, ou seja, que características da lâmina sugeriram a resposta?" "Como está a figura?". As anotações relativas à aplicação e ao inquérito foram feitas em duas folhas, sendo uma específica para a localização das respostas.

2.3 - Obtenção do Laudo Psicoterápico

Foi organizada e apresentada ao terapeuta responsável pelos pacientes uma listagem das principais dimensões da personalidade, segundo o enfoque de Análise Transacional: Estados do eu (Pai, Adulto e Criança, subdivisões dos estados Pai e Criança, contaminações e exclusões); Posições Existenciais; Compulsões; jogos psicológicos e papéis no triângulo dramático correspondentes; Argumentos, mandato (s) principal (is) e ameaça argumental a ele(s) associada. Foram também examinados com o terapeuta os Critérios de Cura: intimidade, flexibilidade e espontaneidade. Procuramos também validar um item considerado tradicionalmente na avaliação do Zulliger o tônus vital. Foi investigado, por fim, o diagnóstico em seu sentido clássico. Com base nesses elementos, o terapeuta forneceu um descrição de cada paciente, que foi discutida com os terapeutas auxiliares, visando a uma maior confiabilidade dos dados do laudo psicoterápico.

2.4 - Procedimento para a Validação do Z-teste

Inicialmente, entramos em contato com o responsável pela clínica em que foi realizada a pesquisa, Dr. Alberto Luis da Rocha Tavares, a fim de obter o seu apoio para a realização do estudo, incluindo a obtenção dos laudos de seus pacientes. Foi realizada uma revisão da literatura correspondente ao Psicodiagnóstico do Rorschach e ao Zulliger, abrangendo as obras de Klopfer (em co-autoria com Davidson, 1977 e em co-autoria com Kelly, 1974), de Andradó (1975, 1982), de Exner (1980), Vaz (1986) Zulliger & Salomon (1970) e Bohm (1973), resultando numa primeira transposição dos conceitos utilizados nesses testes para a terminologia da Análise Transacional. Esta transposição foi discutida, em nível teórico, com o terapeuta, terapeutas auxiliares e pesquisadores, sendo formulado um esquema preliminar para a correção do Zulliger de acordo com a

Análise Transacional. Os protocolos do Zulliger cujos sujeitos sofreram mortalidade experimental, pelas razões já expostas, foram corrigidas de acordo com esse esquema preliminar, às cegas. Foram então comparados o laudo resultante do Zulliger com o laudo obtido junto ao psicoterapeuta. Face a esse estudo-piloto, foram reformulados os conceitos e critérios que se mostravam inadequados.

Já de posse de um esquema definitivo para a correção do Z-teste, os protocolos restantes foram corrigidos em sua forma tradicional. Foram categorizadas as respostas, realizadas a análise quantitativa e qualitativa, sendo que esta última compreendeu as análises de seqüência e de conteúdo, adotando-se a proposição de Exner, com vistas à possível obtenção de indicações adicionais sobre a personalidade. Convém destacar que a codificação das respostas fornecidas perante os diapositivos do Z-teste foi feita independentemente por duas especialistas, de modo a assegurar a confiabilidade dessas codificações. Quando ocorreram discordâncias entre as especialistas, buscava-se inicialmente um consenso e, caso necessário, era procurada uma terceira opinião. Além disso, todo o processo de avaliação do Z-teste, desde a categorização até a elaboração do laudo final foi feita às cegas, ou seja, sem que as especialistas tivessem qualquer tipo de informação sobre o sujeito, de modo a eliminar possíveis tendenciosidades.

Além da correção de acordo com as suas normas tradicionais, os 33 protocolos do Z-teste foram avaliados de acordo com o esquema definitivo utilizando a teoria da Análise Transacional, obtido da maneira já exposta. Essas avaliações foram comparadas aos laudos fornecidos pelo terapeuta dentro da linha teórica da Análise Transacional, com os resultados que se seguem.

3. Resultados e Discussões

O propósito inicial do estudo foi realizar a validação, dentro do enfoque teórico da Análise Transacional, não só do Z-teste, como de dois outros testes projetivos, denominados Desiderativo e Árvore, cuja investigação encontra-se em curso. Os resultados referentes à validação do Z-teste são expressos na tabela, em que são discriminados os conceitos investigados e o índice de concordância entre os dois laudos - do Zulliger e do Psicoterapeuta - em relação a cada um desses conceitos. Os índices de validade (concordância entre os dois laudos) são apresentados na tabela seguinte.

Observamos aí, de um modo geral, um bom índice de concordância entre as avaliações feitas pelo terapeuta e as obtidas através do Zulliger na caracterização de vários conceitos que fazem parte da teoria de personalidade da Análise Transacional. No que diz respeito aos conceitos Adulto, Criança Adaptada, Criança Livre, Pequeno Professor, Posição Existencial, Intimidade, Flexibilidade e Espontaneidade obtivemos um índice de validade bastante elevado (acima de 80%), indicando que são estes os elementos melhor detectados pelo teste. Os aspectos Compulsões e Tônus Vital apresentaram também um bom índice de validade (acima de 70%).

Levando-se em conta a complexidade do estudo dos compulsões, que são cinco e tem uma ordenação própria para cada pessoa, podemos considerar que o teste identifica os compulsões que predominam no indivíduo de forma bastante adequada. Em relação aos Compulsões, podemos tecer duas considerações que servirão para clarificar a discussão dos dados obtidos.

Índice de Validade dos Conceitos de Análise Transacional estudados pelo Z-teste (%).

De início, devemos ressaltar que os compulsos Seja Apressado e Seja Esforçado, por serem eminentemente cinéticos, são difíceis de serem identificados em testes aplicados coletivamente, como foi o caso do Z-teste, pois com essa estratégia perdem-se subsídios importantes relativos aos comportamentos verbal e não verbal do indivíduo. O fato de o teste, aparentemente, captar o Compulsor Básico, tido como o mais importante, pois está diretamente vinculado ao script, ao mandato básico e à ameaça argumental é um dado a ser valorizado. A importância dessa constatação fica acentuada pela dificuldade de identificação do compulsor básico pelo próprio terapeuta.

1. O conceito de Compulsor Básico vem sendo desenvolvido pelo Dr. Alberto Luís da Rocha Tavares, com base em sua experiência clínica; este autor propôs que o terceiro compulsor em ordem decrescente de manifestação, seria o básico, aquele em torno do qual se direcionam os demais. Na medida em que é ele que leva o indivíduo a caminhar no script e a intensificar a sua patologia é, evidentemente, do máximo interesse que seja detectado precocemente pelo terapeuta. O diagnóstico de curto prazo (através do Z-teste) do Compulsor Básico propiciaria segundo o mesmo autor, a aceleração do trabalho terapêutico e a evitação da evolução do script. É como se o indivíduo tivesse câncer e este fosse congelado; apesar de não haver cura, seria viável a estagnação da doença. Ressaltamos aí que o mais importante ao se fazer um psicodiagnóstico é ter acesso aos dados subjacentes, não imediatos como, por exemplo, o compulsor básico, a posição existencial básica, etc.

Ainda em relação à identificação de elementos mais profundos da estrutura e dinâmica da personalidade, um outro ponto chamou a atenção dos pesquisadores; constitui um achado deste trabalho, mostrando novamente a ponte entre pesquisa e teoria. É que observamos a freqüente ocorrência, num mesmo indivíduo, de dados indicativos de duas posições existenciais. Este fenômeno pode ser explicado desde que adotemos a hipótese já proposta pelo próprio Berne de que as posições existenciais +/-, -/+ e -/- são na verdade defensivas em relação à posição -/- realista. Esta última corresponderia à dor primal resultante da falta de satisfação das necessidades elementares, ligadas às figuras parentais. Os dados do estudo fornecem respaldo, então, à hipótese de que a posição existencial apresentada pelo indivíduo é reativa da posição -/- realista. A posição -/- realista (vinculada à vivência da dor primal) levaria a uma posição de defesa, estruturada conforme a reação do indivíduo, que se pode se rebelar (posição +/-), se submeter (posição -/+) ou se anular (posição -/- nihilista).

No que se refere aos conceitos Pai e Diagnóstico, apesar de apresentarem índices de validade superiores a 50%, parecem ter sido caracterizados de forma diferente no teste e pelo terapeuta. É possível que o Zulliger não avalie adequadamente o conceito Pai ou que os elementos escolhidos para caracterizá-lo tenham sido selecionados de modo inadequado. Quanto ao Diagnóstico tradicional, consideramos esse elemento pouco importante para a avaliação psicológica do paciente, pois consiste tão-somente num rótulo que lhe é atribuído. Ademais, a maioria dos estudos a respeito da validação do diagnóstico através do Rorschach e do Zulliger também foram pouco produtivos, o que evidencia uma dificuldade geral em validar esse aspecto.

Verificamos, enfim, que o Zulliger capta bem elementos valiosos no processo de Análise Transacional, o que pode facilitar a atuação psicoterápica.

A nosso ver, a indicação mais importante obtida na pesquisa conduzida é a de que é possível validar o Zulliger instrumento de utilização consagrada e que explora aspectos profundos da personalidade dentro da teoria da Análise Transacional. A vantagem de se aplicar esse enfoque teórico é que a avaliação psicológica calcada na Análise Transacional valoriza os recursos da personalidade disponíveis no lugar do que o indivíduo tem de negativo. Nesse sentido, temos o apoio de Isabel Andrades que, em sua obra Manual de Psicodiagnóstico Diferencial (1980), ao se referir à Análise Transacional, afirma:

"essa teoria, com todas as premissas e conseqüências nos parece cada vez mais válida, especialmente quando a comparamos com a técnica de Rorschach; isto é, podemos perfeitamente explicar grande parte dos conceitos e variáveis do Rorschach dinamicamente à luz dos princípios, das premissas e da teoria da análise transacional (...)" (p.34)

Nesse sentido, Adrados concorda com Claude Steiner, discípulo e continuador da obra de Eric Berne, condenando o fato de o psicólogo realizar o diagnóstico e a terapia procurando descobrir o que há de errado na pessoa "em lugar de partir de uma posição mais sadia tendo como base a okeidade" (Adrados, p.34).

Summary

The main objective of this work was the study of the validity of the Z-test, using the Transactional Analysis as theoretical approach. Thirty-three patients, undergoing Transactional Analysis therapy were asked to answer to the Z-test, collectively applied. The reports were analysed, independently and blindly, by two specialists in the test's evaluation. The results obtained in the evaluation of the Z-test were compared with the patient's files provided by their psychotherapist. The data has strongly supported the validity of the Z-Test. The majority of the concepts dealt with in the test presented a degree of validity: ego's state, drivers, existential position and cure criteria. The study showed the importance of integration between research and clinical practice, providing evidences about two theoretical formulations: the importance of the basic driver and the existence of a so called existential position, that is, existential position as a defense from the realistic's existential position.

Referências Bibliográficas

- ADRADOS, I. Teoria e Prática do Teste de Rorschach. Petrópolis, Vozes, 1975. .
Manual de Psicodiagnóstico e Diagnóstico Diferencial. Petrópolis, Vozes, 1982
BOHM, E. Manual de Psicodiagnóstico de Rorschach. Madrid, Morata, 1973.
EXNER, J. E. Sistema Comprensivo del Rorschach. Madrid, Pablo del Rio Editora, 1980.
KLOPFER, B.& DAVIDSON, H. H. Manual Introductoria a la Técnica del Rorschach. Buenos Aires, Paidós, 1977.
KELLY, D. Técnica del Psicodiagnóstico del Rorschach, Buenos Aires, Paidós, 1974.
SALOMON, F. Le Teste Z Collectif Comme Moyen d'investigation psychologique et

sociologique. Remarques sur sa validité. In: Zulliger, H Le teste Z Collectif, Berna, Suíça, Han Huber, 1957.

STEINER, W. Vergleichende Untersuchung mit Neurose - Cruppentests.. Zeits. exper. angew. Psych, 13 (2), 1966. VAZ, C. E. O Rorschach: Teoria e Desempenho. São Paulo, Manole, 1986.

ZULLIGER, H. & SALOMON, F. El Test de Zulliger, Buenos Aires, Kapelusz, 1970.

**O presente artigo é uma versão desenvolvida de trabalho apresentado no XXX Congresso Internacional de Análise Transacional agosto de 1988. Endereço para correspondência:*

Instituto de Integração Humana

Rua Cinco de Julho, 296 - Copacabana - Rio de Janeiro - RJ

***Médico - psiquiatra, Membro Didata Clínico e Organizacional da UNAT - Brasil e ALAT, Clinical Teaching Member da ITAA, ex presidente e fundador da ALAT, UNAT - Brasil e Santrarj.*

**** Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas, Professora da Universidade Fluminense, Membro Regular em Formação da UNAT - Brasil e Santrarj.*

***** Psicóloga, Membro Regular em Formação da UNAT - Brasil e Santrarj. Os autores apresentam especiais agradecimentos às psicólogas Luísa Helena Morgado da Hora, Maria Christina Condim Lyra, e Maria de Lourdes Gerk, por seu inestimável auxílio na realização deste estudo. Desejam agradecer igualmente às psicólogas Olganir Muzen e Eslher Millinger pela ajuda na aplicação dos testes.*